

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS

ANA PAULA FERREIRA SENA

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTE PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL

CRICIÚMA

2016

ANA PAULA FERREIRA SENA

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTE PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciatura no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof.^a Ma. Édina Regina Baumer

CRICIÚMA

2016

ANA PAULA FERREIRA SENA

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTE PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Édina Regina Baumer - Mestre - UNESC - Orientador

Prof.^a Cinara Lino Colonetti -Mestre - UNESC

Prof.^a Izabel Cristina Marcilio Duarte - Mestre - UNESC

Dedico este trabalho a todos aqueles que eu amo, que me apoiaram nos momentos em que fraquejei.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à Deus que me permitiu nunca desistir, apesar de ter fraquejado diversas vezes ao longo desses anos.

Aos meus familiares que de uma maneira ou outra, ajudaram a me tornar a primeira pessoa com curso superior da família, sempre ensinando aos seus filhos a importância do estudo em nossas vidas.

A universidade por me possibilitar crescimento pessoal, aos meus educadores que enriqueceram minha formação nesses 4 anos.

Quero agradecer minha orientadora Édina Regina Baumer pelo suporte, atenção durante o processo de escrita e seu incentivo.

Agradeço ao meu namorado Filipe que de uma maneira carinhosa e especial, me deu força e coragem, para jamais desistir, me apoiando nos momentos de grande dificuldade.

“O melhor professor não é o mais eloquente, mas o que mais instiga e estimula a inteligência”.

Augusto Cury

“Especiais devem ser consideradas as alternativas educativas que a escola precisa organizar, para que qualquer aluno tenha sucesso; especiais são os procedimentos de ensino; especiais são as estratégias que a prática pedagógica deve assumir para remover barreiras para aprendizagem.”.

Rosita Édler Carvalho

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema *A formação do professor de ARTE para a Educação Especial*, iniciada a partir da questão problema: Como as metodologias de ensino da arte, amplamente indicadas para o ensino regular, na formação do professor de Arte, são desenvolvidas com os alunos com deficiência nas APAES? Os objetivos da pesquisa foram: compreender o processo de aprendizado em arte do aluno com deficiência e fazer uma relação com as metodologias das escolas regulares, identificando na fala dos professores algumas características de suas práticas docentes; perceber qual a opinião do professor de Arte sobre a aprendizagem do aluno com deficiência, sua percepção sobre a experiência do aluno. A abordagem metodológica da pesquisa é qualitativa, de natureza básica, exploratória e o procedimento técnico utilizado na pesquisa de campo foi a entrevista semiestruturada desenvolvida com três professores de Arte da região de Criciúma, que atuam nas APAES. Os dados coletados foram fundamentados no referencial teórico que versou sobre a trajetória da pessoa com deficiência e a inserção das APAES nessa trajetória; sobre ensino da arte nas APAES numa perspectiva inclusiva e da relevância da formação de professores para atuação nesse âmbito da educação. Contribuíram os estudos de Silva (1986), Mantoan (2006), Ferraz e Fusari (1993), Garcia (2000), Hernández (2005), Arslan; Iavelberg (2011), Carvalho (1998), Pimenta (2004), Prieto (2006), Tibola (2001), entre outros. Como resultado da pesquisa foi possível perceber que as metodologias desenvolvidas no ensino regular podem ser as mesmas na Educação Especial, o que difere são as respostas dos alunos, a interação com o professor e com a atividade em si. Da mesma forma foi possível reconhecer na fala dos professores participantes a paixão que dedicam aos seus alunos, o desejo de permanecerem nessa área, constatando que, apesar das dificuldades enfrentadas inicialmente, os professores participantes da pesquisa buscam através de leituras e pesquisas se qualificarem melhorando o processo de ensino e aprendizagem na Educação Especial.

Palavras-chave: Formação de professores. Inclusão. Educação Especial. Ensino da Arte.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
CENESP	Centro Nacional de Educação Especial
CNE	Conselho Nacional de Educação
IBC	Benjamin Constant
INES	Nacional da Educação dos Surdos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LBI	Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NDE	Núcleo Docente Estruturante
ONU	Organização das Nações Unidas
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNEE	Política Nacional de Educação Especial
PPC	Projeto Pedagógico de Curso
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A PESSOA COM DEFICIÊNCIA: UM POUCO DA SUA TRAJETÓRIA	13
2.1 O PAPEL DA APAE NESSA TRAJETÓRIA	Erro! Indicador não definido.
3 O ENSINO DA ARTE: É PARA QUEM?	22
3.1 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	25
3.2 AS METODOLOGIAS APRENDIDAS	27
4 AMPLIANDO CONHECIMENTOS	32
5 PROJETO DE CURSO	38
5.1 EMENTA	38
5.2 CARGA HORÁRIA	38
5.3 PÚBLICO ALVO	38
5.4 JUSTIFICATIVA	38
5.5 OBJETIVO GERAL	39
5.6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	39
5.7 METODOLOGIA	40
5.8 REFERÊNCIA.....	40
6 CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE(S)	46

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca identificar as metodologias de ensino desenvolvidas pelos professores de Arte nas APAEs da região de Criciúma, surgiu de algo que eu percebi durante minha formação acadêmica. Constatei a fragilidade na formação de futuros professores de Artes que talvez venham atuar com alunos com deficiência. Aprendemos práticas diversas, mas não são suficientes para a atuação com o ensino especial. Durante esse processo ocorreu um questionamento principal, possibilitando iniciar o estudo com uma questão problema: Como as metodologias de ensino da arte, amplamente indicadas para o ensino regular, na formação do professor de Arte, são desenvolvidas com os alunos com deficiência nas APAEs?

A partir desse momento se formaram muitas indagações, entre as quais destaco as principais que utilizei como norteadoras do projeto: Essas metodologias desenvolvidas nas aulas de arte, propiciam uma aprendizagem aos alunos com deficiência? Segundo o professor de Arte o aluno desenvolve um aprendizado coerente com as metodologias adotadas? Existem dificuldades enfrentadas pelos professores nas aulas de Arte das APAEs? A inclusão social é valorizada nas metodologias das aulas de Arte das APAEs?

Reconheço a necessidade e a falta de atenção sobre esse assunto, algo que poderá fazer parte de nossa vida profissional e que não me sinto preparada. Questiono o motivo pelo qual alguns cursos não se adequaram, sendo que a todo momento ouvimos discursos sobre a importância da inclusão dos alunos com deficiência. Enxergo isto como um equívoco na nossa preparação para atuar com educação, pois não passamos por experiências consideráveis sobre esse tema na universidade, tão necessárias para que nos sentíssemos seguros para ensinar. Sinto falta de mais informação, mas reconheço que, individualmente tenho um papel importante na minha formação pessoal, buscando sempre ampliar os conhecimentos acadêmicos juntamente com novos cursos e especializações. Identifico essa responsabilidade que não é somente minha, mas de todos os meios educacionais, encarregados de me guiar durante a graduação.

Todos esses questionamentos me direcionam a buscar informações com professores já atuantes na área de arte e que trabalham com alunos com deficiência visual; quero reconhecer as metodologias adotadas por eles em suas aulas de artes nas APAEs da região. Por possuir uma irmã com deficiência, observei que existe

uma carência na nossa rede de ensino de modo geral. As escolas desejam receber esses alunos, mas muitas vezes, os professores que fazem parte dessa rede não receberam uma graduação completa e que abranja os anseios dos alunos com deficiência, que necessitam buscar nas APAEs um auxílio, uma educação complementar. Em função das várias dúvidas que possuo, reconheço a necessidade de uma pesquisa para verificar como os professores que trabalham com os alunos com deficiências expõem os conteúdos. Expõem de uma maneira especial? Como são desenvolvidas as metodologias? O aluno reconhece a importância da arte para o seu ensino? E esse aluno desenvolve um aprendizado significativo?

Frente todas essas dúvidas realizei essa pesquisa com o objetivo de verificar a forma como as metodologias de ensino da arte, amplamente indicadas para o ensino regular, na formação do professor de Arte, são desenvolvidas com os alunos com deficiência nas APAEs. Partindo de leituras sobre o assunto, elaborei um questionário específico sobre o tema, direcionado a três professores das APAEs da região de Criciúma - SC. Desejo compreender o processo de aprendizado em arte do aluno com deficiência visual e fazer uma relação com as metodologias das escolas regulares, identificando na fala dos professores algumas características de suas práticas docentes. Intenciono também perceber qual a opinião do professor de Arte sobre a aprendizagem do aluno com deficiência, sua percepção sobre a experiência do aluno.

A pesquisa conta com alguns dos seguintes autores e seus respectivos capítulos: *A pessoa com deficiência: um pouco da sua trajetória* a partir de Silva (1986), Silva (2009); *O papel da APAE nessa trajetória* com Mantoan (2006); *O ensino da arte: é para quem?* Ferraz e Fusari (1993), Garcia (2000); *A formação de professores* Hernández (2005), Arslan; Iavelberg (2011). O capítulo *As metodologias aprendidas* foi escrito a partir do Projeto Pedagógico dos Cursos de Graduação – PPC do ano de 2014 da Universidade do Extremo Sul Catarinense. A análise dos dados coletados no referencial teórico e na pesquisa de campo possibilitaram a elaboração de um projeto de curso para os professores do Núcleo Docente Estruturante do curso de Artes Visuais Licenciatura, para apresentação desta pesquisa e, a partir dela, trocar ideias para construir uma nova perspectiva no curso de formação de professores de Artes da UNESC.

2 A PESSOA COM DEFICIÊNCIA: UM POUCO DE SUA TRAJETÓRIA

Escolas envolvidas com a valorização das diferenças, buscando o desenvolvimento de projetos de integração das pessoas com deficiências. Esse é o cenário que vemos em nossa realidade cotidiana. Suas metodologias são direcionadas para atender às especificidades de cada educando, sendo elas de natureza emocional, cultural ou comportamental. Destaco o interesse das escolas em aproximar efetivamente esses alunos da realidade escolar, pensando não somente no cumprimento das leis, mas no cotidiano dos educandos e no seu bem-estar. A escola cumpre um papel social de formação de futuros cidadãos.

O processo educativo e a ação pedagógica, sua intencionalidade e resultados estão vinculados a políticas educacionais, aceitáveis ou não. Por isso mesmo, ensinar exige inquietude e indignação diante de fracassos, como desafios para reavivar a própria competência. Competência que mobiliza conhecimentos e valores diante da diversidade cultural e étnica, diante das necessidades especiais de aprendizagem, das diferenças entre gêneros, diante das diferenças econômicas, culturais, sociais e religiosas. (STRIEDER; ZIMMERMANN, 2012, p. 27).

Reconhecer a existência e o valor da diversidade entre os alunos permite ao educador um enriquecimento da sua metodologia, inovando suas aulas ao demonstrar aos seus alunos a importância das diferenças, não existindo apenas um perfil de pessoa. Somos uma sociedade constituída por diferenças que apenas nos tornam mais grandiosos frente aos problemas, assim o professor deve buscar formas de valorização do diferente. Criando mecanismos de ensino que não se limitem apenas em colocar em prática seus conhecimentos, mas mobilizar situações que permitam questionar as metodologias adotadas em sua rotina ou em situações produzidas, integrando atividades de ensino que possibilitem estreitar novas relações.

A inclusão não prevê o uso de práticas de ensino escolar específicas para esta ou aquela deficiência e/ou dificuldades de aprender. Os alunos aprendem nos seus limites, e se o ensino for, de fato, de boa qualidade, os professores levarão em conta esses limites e exploram convenientemente as possibilidades de cada um. (MANTOAN, 2006, p.47).

Um novo olhar sob o seu cotidiano é o que permite ao professor transformar a realidade do aluno com deficiência, percebendo que a qualidade do aprendizado vem a partir de atitudes que permitam integrar os alunos, planejadas dentro das possibilidades de cada um. A educação requer um ensino interligado ao perfil dos alunos, viabilizando alterações necessárias para o seu desenvolvimento

cultural.

Cada pessoa é única, com características físicas, mentais, sensoriais, afetivas e cognitivas diferenciadas. Portanto, há necessidade de se respeitar e de se valorizar a diversidade e a singularidade de cada ser humano. Além disso, a educação intercultural envolve o conhecimento de competências e vários aspectos culturais, com vistas a reconhecer a semelhança entre os grupos, em vez de evidenciar as diferenças, promovendo o diálogo. (BRASIL, 2002, p. 13.)

No entanto, o pensamento sobre a inclusão de pessoas com deficiência nem sempre foi assim como hoje se apresenta: a história nos mostra que o percurso da pessoa com deficiência sempre foi cercado por preconceitos e batalhas para defender seus direitos como cidadãos. O que se percebe é que a:

[...] inclusão social tem [...] se caracterizado por uma história de lutas sociais empreendidas pelas minorias e seus representantes, na busca da conquista do exercício de seu direito ao acesso imediato, contínuo e constante ao espaço comum da vida em sociedade (recursos e serviços). (ARANHA, 2000, p. 4-5).

Estudos mostram que no Egito Antigo eles integravam a sociedade, sendo bem aceitos nas diferentes classes sociais (nobres, artesões, agricultores, faraós, escravos).

[...] exame patológico de algumas múmias tem comprovado que várias doenças graves chegaram a atingir duramente o povo egípcio e uma delas era uma infecção nos olhos que muitas vezes levava à cegueira. O Egito chegou a ser conhecido por muito tempo como a "Terra dos Cegos", tal foi a extensão e a gravidade desse problema. (SILVA, 1986, p.40).

Produções artísticas da época retratam a existência de pessoas com deficiência; os túmulos, os afrescos, os papiros e as múmias, são cheios de demonstrações.

Afrescos existentes nas paredes e outros recantos dos túmulos por vezes magníficos e algumas estatuetas sugerem-nos que havia um elevado número de anões no Egito. Eles são em geral representados com fidelidade: corpos musculosos, um pouco gordos, membros curtos, cabeças grandes, pernas por vezes arqueadas e muitas vezes corcundas. (SILVA, 1986, p.41).

Segundo Silva (1986), a Grécia foi a civilização mais envolvida com as pessoas com deficiência, inclusive criando leis que beneficiavam pessoas vítimas de amputações durante a guerra. Nesse período foram criados serviços de saúde voltados tanto para os soldados combatentes quanto para a população em geral. As técnicas empregadas no atendimento dessas pessoas não possuíam nenhum

estudo prévio, tudo foi desenvolvido a partir das práticas nos campos de batalha, a partir da experiência de médicos em experimentos realizados durante as guerras.

Na Antiguidade clássica praticamente todos os povos chegaram a desenvolver atividades de assistência pública devido à insuficiência daquelas prestadas pela população, de maneira direta. [...]. Não só para Aristóteles, mas para muitos pensadores e políticos gregos, competia ao Estado proteger os pobres, os miseráveis e, quase sempre no meio deles, os portadores de deficiências devido a qualquer causa. (SILVA, 1986, p.66)

Se tem registros da existência em Roma de leis específicas para recém-nascidos, assegurando seus direitos e em quais circunstâncias eram permitidos ou negados. Porém bebês nascidos antes do 7^a mês de gestação ou aqueles que apresentavam os sinais da chamada “monstruosidade”, ou que possuíam deformidade física, não possuíam condições de exercer esses direitos ou tinham seus direitos negados. Da mesma forma, a lei proibia a morte de crianças menores de 3 anos, exceto nos casos de deformidades ou ‘monstruosidade’; as famílias poderiam se desfazer dos filhos nas margens do rio Tibre, desde que mostrassem o recém-nascido para cinco vizinhos antes. Seria uma maneira de atestar a real situação da criança, confirmando sua deformidade ou mutilação, tudo conforme a Lei III que assegurava o direito dos pais, afirmando que “o pai imediatamente matará o filho monstruoso e contrário à forma do gênero humano, que lhe tenha nascido há pouco”. (SILVA, 1986, p.91).

Os que conseguiam sobreviver eram recolhidos pelas famílias que viviam as margens do rio e mais tarde eram explorados na arrecadação de esmolas. Tantos outros foram utilizados por exploradores nas cidades ou circos para o entretenimento dos mais abastados do território e assim surge um novo tipo de comércio nos arredores de Roma. Mas com o avançar dos tempos, Roma se viu diante de uma nova situação, ao ter que procurar uma solução para os diversos soldados que voltavam mutilados da guerra. Seus combatentes antes abandonados pelos campos, começaram a receber auxílio dos profissionais sem formação alguma na área da saúde, tudo muito rústico no atendimento dos ferimentos da guerra.

Com o surgimento do Cristianismo no Império Romano (século IV) aflora um sentimento de solidariedade e amor entre os cidadãos, os menos favorecidos são acolhidos, práticas como o sacrifício das pessoas com deficiência são combatidas, surgem os primeiros hospitais de caridade que abrigavam pessoas com deficiências e miseráveis abandonados.

Nos primeiros tempos da Igreja Cristã houve um significativo impulso ao sentimento fraternal entre os cristãos, não importando em nada sua situação social ou mesmo sua nacionalidade, fosse ela romana, grega, egípcia, França, hebréia ou de qualquer outra natureza. (SILVA, 1986, p.110).

No século XV, período em que a população vive em situação de completa miséria, vítimas da falta de estrutura na saúde e nas condições de vida, as pessoas com deficiência se tornam alvo de supersticiosos que acreditavam que eles possuíam poderes místicos, vistas como bruxos ou feiticeiros pela sociedade. Nessa fase da história – a queda do Império Bizantino (Nova Roma do Leste), em 1453 – as pessoas com deficiência são separadas de seus familiares e se transformam em vítimas de abusos por parte da população, se tornam objetos de diversão para os mais abastados.

Silva (2009, p. 136) descreve:

Os tempos medievais viram surgir, contudo, as primeiras atitudes de caridade para com a deficiência – a piedade de alguns nobres e algumas ordens religiosas estiveram na base da fundação de hospícios e de albergues que acolheram deficientes e marginalizados. No entanto, perdurou ao longo dos tempos e, em simultâneo com esta atitude piedosa, a ideia de que os deficientes representavam uma ameaça para pessoas e bens. A sua reclusão, que se processou em condições de profunda degradação, abandono e miséria, foi vista, por conseguinte, como necessária à segurança da sociedade.

No período que abrange os séculos XVIII e XIX surgem as primeiras instituições envolvidas com pessoas deficientes, considerando a educação especial como modalidade de ensino. São ações realizadas pelos profissionais da saúde, destaque para o francês Jean Marc Hard (1774-1838), fundador do primeiro programa para Educação Especial.

Hard elaborou o primeiro manual de educação de “retardados”, a partir do estudo de caso de uma criança “idiota”, conhecida como “selvagem de Aveyron”, empregando como regra básica de aprendizagem a repetição de experiências de sucesso. Seus estudos serviam de referência para o médico Edward Seguin, fundador do primeiro internato público para crianças “retardadas mentais” na França. Seguin criou um currículo baseado na neurofisiologia e na utilização de material didático, orientado por um treinamento sistemático dos professores, empregando cores, música e outros meios para motivar a criança. (MATOS, 2013, p. 01).

As instituições desse período não eram direcionadas especificamente para a educação das pessoas com deficiência, como descreve Silva (2009, p. 137):

A institucionalização teve, pois, numa fase inicial, um caráter assistencial. A preocupação com a educação surgiu mais tarde, pela mão de reformadores sociais, de clérigos e de médicos, com a contribuição de associações profissionais então constituídas e com o desenvolvimento científico e técnico que se foi verificando, de que os testes psicométricos de Binet e

Simon, cuja escala métrica da inteligência permitia avaliar os alunos que iam para escolas especiais, são um exemplo. Surgem instituições para surdos, mais tarde para cegos e muito mais tarde para deficientes mentais e as primeiras obras impressas no âmbito da deficiência, “Redução das Letras e Arte de Ensinar os Mudos a Falar”, de Bonet, e “Doutrina para os Surdos-Mudos”, de Ponce de Léon.

Entre os séculos XVIII e XIX, a Educação Especial ainda está vinculada ao médico-terapêutico, com o aparecimento de instituições somente para atender pessoas com deficiências, implementando a reabilitação a partir de um diagnóstico realizado previamente por uma junta de médico-psicopedagogos, porém o resultado final ainda era um processo de segregação, já que essas pessoas recebiam rótulos conforme suas deficiências.

O Século XX, meados dos anos de 1960, foi o início de grandes mudanças para pessoas com deficiências através da busca de elementos que possibilitassem a integração com a sociedade. É reconhecido nesse momento o quanto essa segregação era desumana, afetando o desenvolvimento das pessoas com deficiência e sua autoestima perante a sociedade. Inicia-se um movimento realizado por pais, deficientes e voluntários, na busca do seu reconhecimento dentro de uma perspectiva educativa e social. Nesse movimento

[...] defendia-se um atendimento educativo diferenciado e individualizado, de forma a que cada aluno pudesse atingir metas semelhantes, o que implicava a necessidade de adequar métodos de ensino, meios pedagógicos, currículos, recursos humanos e materiais, bem como os espaços educativos, tendo em conta que a intervenção junto destes alunos, respeitando a sua individualidade, deveria ser tão precoce quanto possível [...]. (SILVA, 2009, p. 139).

Manifesta-se então uma nova visão sobre as pessoas com deficiência, desenvolvendo condições materiais que melhorassem sua vida educacional e social; essa nova visão acaba chegando até o Brasil, contribuindo para a construção de um pensamento cada vez mais inclusivo em nossa sociedade.

2.1 O PAPEL DA APAE NESSA TRAJETÓRIA

Pensar em Educação Especial é lembrar de todo o caminho percorrido até os dias atuais, refletindo sobre as conquistas e os desafios enfrentados por pessoas que muitas vezes foram discriminadas por não se encaixarem nos padrões da sociedade na qual viviam. O planejamento da Educação Especial iniciou-se no período do Império, nesse momento surgiam no Brasil duas instituições: o Imperial

Instituto dos Meninos Cegos, no ano de 1854, chamado atualmente de Instituto Benjamin Constant – IBC, e o Instituto dos Surdos Mudos, no ano de 1857, conhecido hoje como Instituto Nacional da Educação dos Surdos – INES, os dois localizados na cidade do Rio de Janeiro.

Em 1954 é criada a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE, mas antes disso, no ano de 1926 é criado Instituto Pestalozzi, especializado no atendimento às pessoas com deficiência mental. No ano de 1945 é criado na Sociedade Pestalozzi o primeiro atendimento educacional para pessoas com superdotação, com o apoio da educadora Helena Antipoff. Porém, somente em 1961 a assistência educacional às pessoas com deficiência é apoiada pelas disposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 4.024/61: “A educação de excepcionais, deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, a fim de integrá-los na comunidade”. (BRASIL, 1961, art.88). Em seguida, no ano de 1971 a LDBEN sofre alteração afirmando que

Os alunos que apresentem deficiências físicas ou mentais, os que se encontrem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados deverão receber tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes Conselhos de Educação. (BRASIL, 1971, art.9).

Mas a legislação não foi suficiente para garantir uma organização do sistema educacional, onde os estudantes com deficiência ou superdotados fossem atendidos. Apenas possibilitou o direcionamento desses alunos para instituições ou classes especiais. Assim, em 1973 o MEC inaugura o Centro Nacional de Educação Especial – CENESP, que ficou responsável pela administração da educação especial e “sob a égide integracionista, impulsionou ações educacionais voltadas às pessoas com deficiência e às pessoas com superdotação, mas ainda configuradas por campanhas assistenciais e iniciativas isoladas do Estado”. (BRASIL, 2007, p.02). Mesmo com todas essas leis em vigência não existiam políticas públicas que permitissem um acesso significativo à educação, ficando apenas o conceito de políticas para os estudantes com deficiências. O problema também ocorre com os estudantes com superdotação, ainda que tivessem acesso ao ensino regular, não eram organizados atendimentos qualificados que valorizassem suas particularidades.

Vale ressaltar que o artigo 3º, inciso IV da Constituição Federal de 1988 afirma que devemos “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça,

sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”; já no artigo 205 determina que: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”. No seu artigo 206, inciso IV prevê “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” e no artigo 208, inciso III, “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”.

Já a LDB vigente – n. 9.394/96 – foi promulgada possuindo 92 artigos distribuído em 9 títulos e compreende

[...] por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (BRASIL, 1996, art. 58).

Em 2011 o Governo Federal por meio do Decreto 7.612, lança o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Viver sem Limite¹ destacando o compromisso do Brasil com a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da Organização das Nações Unidas (ONU), com o objetivo de igualar as oportunidades de trabalho e educação, para pessoas com deficiência. Nessa busca por fortalecimento da Educação Especial, em julho de 2015 é Instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) com o objetivo de “assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.”. (LBI, 2015, art. 1).

Concordo com Carvalho (1998) quando afirma que: “Não nos faltam leis ou artigos em leis que garantam os direitos das pessoas portadoras de deficiências. Nosso problema não reside na inexistência de leis; pelo contrário. O que nos falta é garantir seu cumprimento”. Estamos muito bem amparados pelas leis, só que o problema está na execução delas, faltando ainda uma estrutura que permita o cumprimento e o seu efetivo funcionamento, buscando favorecer pessoas com deficiências e sua inclusão no ensino regular. Devemos reconhecer ainda a existência de grandes dificuldades nessa área da educação.

O que vemos é apenas uma integração parcial, pois esses alunos acabam

¹ Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Viver sem Limite. Disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/viversem limite>. Acesso em: 02 de dez. de 2016.

sendo segregados a projetos de ensino diferenciados; a escola tenta adaptar os alunos à sua técnica de ensino e pode criar ferramentas de apoio para a inserção e desenvolvimento desses alunos, numa perspectiva de inclusão nas turmas regulares. Para Mantoan (2006) nem todos conseguem ir para as turmas regulares, são direcionados a tratamentos diferenciados com currículos adaptados, avaliações especiais. Um currículo pensado no perfil do aluno, desenvolvendo suas habilidades intelectuais e cognitivas, para uma formação significativa.

Dessa forma, os alunos com deficiência acabam indo para uma Educação Especial, encontrada, muitas vezes, nas APAEs, onde o ensino é especializado e complementar para o seu desenvolvimento, suprimindo dificuldades existentes na escola mesmo com os serviços do AEE² ou do SAEDE³. Os profissionais encontrados nas APAEs possuem um conhecimento adicional, que muitas vezes está além dos conhecimentos adquiridos em sua formação profissional. São profissionais que buscam um conhecimento maior nessa área, a partir do seu amor pela profissão e até pelo envolvimento pessoal que adquirem durante o trabalho com pessoas com deficiência.

No entanto, o processo de inclusão vai muito além de superar dificuldades, ele busca ultrapassar os problemas de exclusão ainda existentes e nessa direção Mantoan (2006, p.44) destaca a importância das ações metodológicas nesse processo:

As escolas que reconhecem e valorizam as diferenças têm projetos inclusivos de educação. O ensino que ministram difere radicalmente do proposto para atender às especificidades dos educandos que não conseguem acompanhar seus colegas de turma, por problemas que vão desde as deficiências até dificuldades de natureza relacional, motivacional ou cultural dos alunos.

² O Atendimento Educacional Especializado (AEE), definido pelo Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011, é gratuito aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, e deve ser oferecido de forma transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino. De acordo com o decreto, o Atendimento Educacional Especializado compreende um conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos, organizados institucional e continuamente, prestados de forma complementar à formação de estudantes com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento; e suplementar à formação de estudantes com altas habilidades/superdotação. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/educacenso/duvidas-educacao-especial>. Acesso em 02 de dez. de 2016.

³ O Saede é uma atividade de caráter pedagógico, prestado por profissional da educação especial, voltado ao atendimento das especificidades dos alunos com deficiência, condutas típicas ou com altas habilidades, matriculados na rede regular de ensino. Disponível em: <http://www.sed.sc.gov.br/index.php/imprensa/noticias/27389-professores-do-saede-da-gered-timbo-realizam-oficina-pedagogica>. Acesso em 02 de dez. de 2016.

As APAEs possuem uma rede de profissionais com uma formação especializada no atendimento e apoio para pessoas com deficiência, um complemento para o ensino que os alunos recebem na escola, através de professores, fonoaudiólogos, psicólogos entre outros. Nesse contexto reconheço o grande significado da Arte, que pode ser fundamental na superação dos preconceitos e produtora de um novo olhar sobre o mundo, com capacidade para inovar o papel do professor.

Nesse sentido, em específico para este trabalho de conclusão de curso, busco reconhecer a importância do professor de Arte na educação de alunos com deficiência, um professor com perfil inovador que, através de leituras e pesquisas, motiva-se para um ensino diferenciado. Precisamos projetar o ensino respeitando as limitações de cada aluno, criando atividades que permitam diferentes formas de comunicação e manifestação dos seus sentimentos, pois atualmente somos cercados de estímulos visuais, como cores, imagens, números e tantos outros.

A linguagem visual está muito além de um simples meio de comunicação entre as pessoas, ela permite o ensino de conceitos fundamentais para a formação e ampliação dos conhecimentos culturais. O aprendizado que se fundamenta na leitura visual oportuniza o desenvolvimento intelectual do aluno a partir do momento que reconhecemos o grande conhecimento necessário para que sua leitura seja realizada.

Destaco o papel do professor de Arte nas APAEs, verificando de que forma as metodologias indicadas para o ensino regular estão sendo desenvolvidas com os alunos com deficiência. O objetivo é realizar uma conversa com três professores de diferentes APAEs da região de Criciúma, ouvindo suas opiniões acerca do ensino desenvolvido por eles nas instituições de Educação Especial.

3 O ENSINO DA ARTE: É PARA QUEM?

Sabendo da importância da Arte para o desenvolvimento do ser humano, o professor tem a possibilidade de adaptar suas metodologias de acordo com as necessidades de cada pessoa. Nossa expressão cultural se tornou cada dia mais visual, estamos rodeados de símbolos gráficos, tanto nas ruas como na escola, porém existem pessoas com limitações que não podemos ignorar. Segundo o PCN, “criar e perceber formas visuais implica trabalhar frequentemente com as relações

entre os elementos que as compõem, tais como ponto, linha, plano, cor, movimento e ritmo.”. (BRASIL, 2000, p. 61). Mas existem diferentes maneiras de olhar e sentir, é pensando assim que o professor pode criar atividades e metodologias que estimulem o olhar sensível, os nossos outros sentidos ou os olhos da alma.

A formação da pessoa resulta da sua capacidade de aprendizagem, motivada pelo processo de ensino desenvolvido pelos meios educacionais. A educação através da Arte vem de um movimento contínuo de diversos profissionais na busca do seu reconhecimento, mas principalmente o reconhecimento do próprio processo que ela produz.

A Educação através da Arte é, na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence. (FERRAZ; FUSARI, 1993, p.15).

A raiz de todas as artes é o impulso do homem para dar formas palpáveis, materiais ao que é imaterial, às coisas da mente e do espírito. Tendo isto por linha de raciocínio podemos concluir que arte é a criação espontânea do que está dentro do artista, ela não precisa ser bela, nem exata, ela só precisa ser ela mesma, a partir da imaginação.

A imaginação é mais importante que o conhecimento, pois o conhecimento é limitado, enquanto a imaginação pode abranger tudo o que existe no mundo, incentiva o progresso, é fonte de evolução e, no sentido estrito, é o fator real de investigação científica. (EINSTEIN, apud GARCIA, 2000, p.12)

A arte nos ajuda a pensar sobre o mundo e principalmente a refletir sobre o ser humano. Estudá-la é uma boa maneira para aprendermos a entendê-la e apreciá-la, pois afinal todos podem fazer arte, mas são poucos os que conseguem se expressar por meio dela ou decifrar seus códigos.

Ela é usada frequentemente para transmitir informações que nos chegam por meio da televisão e da publicidade. Além disto, a arte pode nos tornar pessoas mais sensíveis, críticas e cidadãos, no entanto, muitos consideram arte como perda de tempo e nem percebem que ela está diante de nossos olhos a todo momento. Isso acontece também na escola onde,

[...] para alguns, [...] tudo o que não seja aula formal na sala de aula, com trabalho no quadro, livro aberto, muito dever de casa e avaliação “muito severa”, é perda de tempo, num mundo tão competitivo, em que é preciso

aproveitar o tempo, ao máximo, na corrida para o sucesso. (GARCIA, 2000, p.7-8).

Esse é o pensamento imposto pelo homem sobre a utilização da arte na nossa vida mal sabendo eles que arte é importantíssima e que não deveria ser considerada uma perda de tempo. De maneira informal durante muitos anos ela foi utilizada na educação e ensino de pessoas que não eram alfabetizadas.

Embora ainda sofra resistência pela sociedade, a arte vem crescendo e se mostrando cada dia mais forte, aos poucos conquistando seu espaço nas escolas. Lentamente brota na cabeça das pessoas que estudá-la significa entender e refletir sobre o ser humano e suas concepções e intenções com o mundo. Pensando e analisando as obras artísticas de várias épocas e sociedades, criando dessa forma vínculos significativos entre o passado e o presente da humanidade.

A arte vai além da esfera intelectual e escolar. Deparamo-nos diariamente com diversas técnicas artísticas, ao tirarmos uma foto, jogando vídeo game, ouvindo música, assistindo um filme ou um seriado, quando vamos ao teatro, ao ler um livro, pintando um desenho qualquer ou dançando em um grupo de amigos. Há várias profissões ligadas à arte que vem se destacando e gerando empregos e renda para o país, como nos seguintes setores: propaganda, cinema, edição de livros e revistas, na gravação de audiovisual, televisão, programadores de game e sites designer entre outros. Estudo e disciplina combinam com arte, sem isso impossível chegar ao sucesso. Não existe uma única definição para Arte.

A Arte pode ser fonte integradora das crianças, pois sua natureza está intimamente ligada aos processos de criação e expressão humana. Como linguagem simbólica, estabelece ponte de comunicação e abre portas para o autoconhecimento e para a integração com o outro. A linguagem artística amplia, portanto, a percepção da realidade objetiva e subjetiva e, pelos processos de criação, auxilia na projeção das necessidades, conflitos e aspirações do ser humano. (PILLOTTO; MOGNOL, 2007, p.227).

A arte está presente no nosso cotidiano e está presente nas APAEs como podemos verificar ao conhecer o documento elaborado pela Federação Nacional das APAEs (2001), que construiu uma proposta pedagógica integrando Artes, Educação Física e Educação Profissional.

É nesse sentido que coordenadores e professores de Arte que atuam junto às APAEs de todo o Brasil aprofundaram discussões a respeito do papel da Arte na formação dos educandos que fazem parte da Comunidade Apaeana, e dos caminhos que podem ser tomados nesse ensino, dando prosseguimento à significativa história já construída e buscando ainda avançar cada vez mais, em sintonia com as discussões mais atuais no

ensino de Arte e no papel da Arte na formação de alunos portadores de deficiência. (TIBOLA, 2001, p. 11).

A arte é a expressão mais antiga de comunicação já criada pelo homem, pois afinal ela nos acompanha desde os tempos pré-históricos, quando o homem usava as paredes das cavernas para expressar seus desejos, medos ou simplesmente para demonstrar a forma que era organizada a sociedade daquela época. Mas é claro que naquele tempo eles não sabiam o que é arte e tão pouco imaginavam que aqueles desenhos fossem uma forma de manifestação artística.

Identificando a importância da Arte em nossa formação humana é que se iniciou um movimento que buscava o seu reconhecimento como disciplina.

[...] no final da década de 70, constitui-se no Brasil o movimento Arte-Educação. No início, este movimento organizou-se fora da educação escolar e a partir de premissas metodológicas fundamentadas nas ideias da Escola Nova e da Educação Através da Arte...[...] Esse modo de conceber o ensino da Arte vem propondo uma ação educativa criadora, ativa e centrada no aluno. (FERRAZ; FUSARI, 1993, p.16-17).

Com esse movimento o ensino passou a incentivar o pensamento crítico do aluno, com metodologias que oportunizam uma compreensão estética, com processos de produção artística e apreciação de produções. Fortalecendo a importância da arte para a formação do sujeito, a percepção de um ser sensível, criativo, transformador do seu espaço e tempo. Esse processo oportuniza a formação de uma identidade pessoal, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte afirmam:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e de dar sentido a experiências humanas: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto a realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (BRASIL, 1997, p. 14).

Desenvolver a percepção visual é apenas uma das oportunidades criadas pela Arte, em um caminho trilhado a partir da imaginação e do lúdico, sensibilizando o olhar do aluno, tornando-o um observador ativo, formador de opinião. A educação está além do ensino formal, aquele com livros e cadernos, com dever de casa; a Arte supera essas questões ao oportunizar ao aluno sua formação humana, um ser argumentador diante dos acontecimentos do mundo. Ampliando suas percepções sobre o conhecimento estético e seus repertórios, essa capacidade é conquistada a partir do contato entre o aluno e a Arte. Mas será que o aluno com deficiência pode viver essas situações? Talvez diríamos que sim, dependendo da infraestrutura da

escola e da atuação do professor.

3.1 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A formação docente sofreu grandes transformações ao longo dos anos, a partir da implementação da LDB – Lei n. 5.692/71 – que incluía a *Educação Artística* no currículo escolar e que ocasionou a criação de cursos de licenciaturas curtas cujas propostas vem sendo reformuladas, como em 1980, por exemplo com uma discussão sobre o currículo e a formação, “entretanto, na maioria dos casos, as tentativas de adequação dos cursos de formação de professores de Arte têm se operado apenas na superfície e não nas estruturas curriculares”. (COUTINHO, 2003, p.154).

Ao mesmo tempo, a função do professor vem mudando durante esse processo reconhecendo que suas atribuições não são de meros transmissores de conteúdos, mas produtor de vínculos entre o conhecimento e o aluno. Essa relação está muito além da formação acadêmica do professor, dependerá da maneira com a qual ele desperta o interesse dos alunos através das suas metodologias. Criando situações que permitirão aos alunos fazer relações com o mundo à sua volta, provocando questionamentos, e no caso do professor de Artes, buscando nas diferentes linguagens da Arte, novas formas de estimular o seu interesse.

Nesse contexto percebemos como a formação acadêmica e continuada é fundamental para o aprendizado de um bom professor, não somente um profissional voltado para a reprodução de conteúdo, mas alguém que percebe a importância do desenvolvimento da identidade pessoal do aluno.

Da mesma forma, o professor constrói sua identidade docente também durante as experiências que vive, os conhecimentos que adquire e com sua formação em permanente transformação.

Isto quer dizer que os sujeitos estabelecem sua identidade através de uma série de relações e identificações com o entorno e com os outros. Relações que tem a ver com seus desejos, fantasias e fantasmas pessoais e coletivos, as crenças e as regras das instituições com as que se relacionam. (HERNÁNDEZ, 2005, p.29).

Logo, é possível trabalhar produzindo oportunidades de aprendizado para um sujeito atuante com o meio em que vive, realizando ligações entre ensino e

realidade, escola e comunidade, percebendo que o ensino está muito além dos muros das instituições de ensino.

Sabemos que a função da formação acadêmica do professor não é ensinar formulas e estratégias prontas de como desenvolver suas aulas, não existe uma receita que devemos apenas seguir e assim seremos bons profissionais. A formação acadêmica é pautada em um ensino que permite a vivência de situações diversificadas que venham a estimular as relações entre diferentes grupos, fortalecendo conhecimentos e práticas. Nessa direção,

[...] a formação do educador em Arte precisa ser pensada a partir de algumas concepções pedagógicas comprometidas com a compreensão do fenômeno educativo em seus múltiplos aspectos (econômico, social, histórico, antropológico, filosófico, psicológico, político e ideológico) e de bases didático-metodológicas capazes de permitir ao educador atuar de modo competente na sua prática pedagógica. (PIMENTEL, 2002, p.293).

Por isso a necessidade de um currículo bem estruturado, com bases solidas não somente vinculado ao ensino técnico, mas com uma proposta de ensino voltado para os diferentes perfis dos alunos. Compreendendo que durante a nossa formação acadêmica como professores de arte, somos alunos, sentimos as marcas deixadas pela inclusão da arte nas nossas vivências, sabemos por experiência que as nossas sensações se ampliam. As transformações que nos ocorrem hoje, também serão sentidas por nossos futuros alunos, cada um sentirá em seu próprio tempo, mas todos serão contagiados e enquanto professores devemos ter comprometimento e consciência de que:

A aprendizagem artística deixará no aluno marcas positivas, um sentimento de competência para criar, interpretar objetos artísticos e refletir sobre arte, situar as produções, aprender a lidar com situações novas e incorporar competências e habilidades para expor publicamente suas produções e ideias com autonomia. Autoestima não se promove afirmando que tudo o que o aluno faz e pensa em arte é ótimo. Ele se sentirá confiante em relação a sua arte apenas na medida em que aprender de modo significativo: fazendo, interpretando, refletindo e sabendo contextualizar a arte como produção social e histórica. (ARSLAN; IAVELBERG, 2011, p. 9).

Quando essas 'marcas positivas' adquiridas pelo saber e fazer artísticos forem desenvolvidas, teremos o ensino que queremos, com alunos conscientes de si mesmos, das suas possibilidades e capacidades. Queremos futuros professores que por meio de processos e construções constantes, mobilizem transformações individuais e sociais.

3.2 AS METODOLOGIAS APRENDIDAS

A educação universitária sempre é alvo de debates, seja através de congressos, palestras ou outros eventos, com o intuito de melhorar o ensino reavaliando as competências necessárias para os futuros profissionais da educação. O constante debate realizado nas universidades permite o aperfeiçoamento do ensino acadêmico, sanando dificuldades encontradas durante os cursos de formação realizados anteriormente. Analisando os pontos de maior fragilidade os cursos de formação conseguem aprimorar a qualidade do ensino oferecido aos seus graduandos. Acredito que faz parte da educação essa constante atualização, afinal não existe um único perfil de aluno e isso permite as transformações nas metodologias.

A educação deve ser direito de todos os cidadãos. Para que seja possível modificar a realidade da sociedade no âmbito regional, é necessário que estas questões sejam discutidas no meio acadêmico. Uma vez que não é a sociedade que deve transformar a educação ou a educação deve buscar atingir o objetivo de transformar a sociedade, e sim uma troca constante, uma relação que comunga seus valores e sua construção para a qualidade de vida de seus cidadãos. (PPC UNESCO⁴, 2014, p.21).

Esta pesquisa surgiu a partir das minhas dúvidas durante o meu curso de formação, a necessidade que senti em aprimorar as disciplinas de metodologias que experimentei. Consegui observar o quanto é importante para a nossa construção como pessoa e profissional, o conhecimento que adquirimos ao longo do curso, também reconheci a necessidade de aumentar a carga horária dessas disciplinas.

Em tempos de 'mudanças' no ensino das Artes Visuais: nos conceitos, nas metodologias, nas finalidades e principalmente na relevância que o ensino da Arte vem adquirindo para a sociedade, é necessário que a educação as considere no âmbito formal, e também em outros contextos de ensino não formais, trazendo novos desafios para a formação dos futuros docentes. (PPC UNESCO⁵, 2014, p.24).

O curso ao qual faço parte – Artes Visuais Licenciatura – possui em sua

⁴ UNESCO. **Projeto Pedagógico dos Cursos de Graduação: Artes Visuais - Licenciatura. 2014.** Universidade do Extremo Sul Catarinense. Disponível em: [http://www.unesc.net/portal/resources/files/42/ROTEIRO_PPC - LICENCIATURA OFICIAL_01_09_2014.pdf](http://www.unesc.net/portal/resources/files/42/ROTEIRO_PPC_-_LICENCIATURA_OFICIAL_01_09_2014.pdf). Acesso em: 29 out. 2016.

⁵ UNESCO. **Projeto Pedagógico dos Cursos de Graduação: Artes Visuais - Licenciatura. 2014.** Universidade do Extremo Sul Catarinense. Disponível em: [http://www.unesc.net/portal/resources/files/42/ROTEIRO_PPC - LICENCIATURA OFICIAL_01_09_2014.pdf](http://www.unesc.net/portal/resources/files/42/ROTEIRO_PPC_-_LICENCIATURA_OFICIAL_01_09_2014.pdf). Acesso em: 29 out. 2016.

grade curricular algumas disciplinas direcionadas para o Ensino Especial talvez já atendendo ao que determina a Resolução CNE/CP n. 1/2002, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica:

Na perspectiva da educação inclusiva, [...] as instituições de ensino superior devem prever, em sua organização curricular, formação docente voltada para a atenção à diversidade e que contemple conhecimentos sobre as especificidades dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. (BRASIL, 2007, p.04).

Durante a terceira fase do curso iniciei meu primeiro contato com a educação especial a partir da disciplina de Fundamentos e Metodologia da Educação Especial que possuía dois créditos. Foi nesse momento que comecei a perceber que essa experiência não estava sendo suficiente para o meu aprendizado, visto que é um tema tão fundamental para a nossa profissão, já que iremos ter alunos de diferentes perfis e limitações, fiquei com a sensação de algo incompleto.

Vale ressaltar que a grade curricular de qualquer universidade ou faculdade, se renova a partir dos anseios demonstrados pelos alunos durante o curso de formação, se tornando fundamental suas manifestações de interesse em renova-la. Esse permanente dialogo realizado entre acadêmicos e instituições de ensino é o que possibilita a renovação constante do curso, são as demonstrações de interesse que motivam trocas de conhecimento, e penso que esta pesquisa é uma forma de dialogar com a minha instituição.

Durante a quarta fase do curso tivemos contato com a disciplina de Metodologia do Ensino da Arte nas Séries Iniciais que possuía quatro créditos e nessa experiência construímos planos de ensino para alunos do ensino regular. Fomos motivados a desenvolver propostas que possibilitassem o ensino da Arte, realizando uma pesquisa nos documentos norteadores da educação e nos preparando para desenvolver nossas propostas com nossos colegas na universidade. Foi possível perceber as dificuldades de ensinar Arte para crianças, pensar nos materiais utilizados e na segurança das atividades propostas. Uma experiência enriquecedora para os acadêmicos iniciantes na licenciatura, visto que muitos de nós nunca haviam tido contato com a sala de aula.

Naquele momento – posso afirmar com toda a convicção – nunca me questioneei o motivo de não ter sido discutido com os acadêmicos uma proposta de ensino para crianças com deficiências. Mas o aprendizado nos faz amadurecer como

peessoas, hoje percebo o quanto era importante para a minha formação um outro olhar para o ensino escolar, identificando possíveis dificuldades que irei encontrar na minha vida profissional. Admito que como acadêmicos devemos questionar nosso ensino e dessa maneira possibilitar a sua ampliação.

Na quinta fase do curso nossos estudos foram mais aprofundados e iniciamos nossa primeira experiência com o campo de estágio, o que oportunizou o contato direto com a educação. Nesse momento também realizamos a disciplina de Metodologia do Ensino da Arte no Ensino Fundamental objetivando:

Vivenciar situações práticas do processo de ensino aprendizagem da Arte nas Séries de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, com ênfase na apreciação estética da arte e do cotidiano, evidenciando o ensino da arte e suas tecnologias da informação e da comunicação, propondo reflexões sobre o currículo, a avaliação e a legislação em torno do ensino da arte. (PLANO DE ENSINO⁶, 2015/01).

Foram debatidos assuntos muito pertinentes ao nosso ensino, conversas enriquecedoras sobre as leis que nos dão suporte para realizarmos nosso trabalho como futuros professores. Dialogamos sobre a importância do ensino da Arte como formadora de cidadãos pensantes, questionadores, ampliando o conhecimento tanto das crianças quanto dos adolescentes, oportunizando que se tornem mais criativos, dinâmicos e autônomos nas situações cotidianas, inseridos na sociedade a qual fazem parte.

Por ocasião das necessidades pontuadas a partir de reflexões sobre teorias e metodologias do processo de ensino aprendizagem da Arte de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, a disciplina de Metodologia propõe aos (as) acadêmicos (as) que revisitem as disciplinas já cursadas em busca de subsídios teóricos e práticos para o desenvolvimento de propostas pedagógicas configurando assim uma forma de interdisciplinaridade. Ao pensar as metodologias para suas propostas de atividades com os alunos da educação básica, os licenciandos devem reafirmar seus conhecimentos sobre história da arte, estética, linguagens artísticas, técnicas e meios do fazer artístico, metodologia e didática do ensino da arte e legislação pertinente, sustentando-se na análise crítica e na problematização da realidade. (PLANO DE ENSINO⁷, 2015/01)

Mas apesar desse ensino enriquecedor que tive a oportunidade de ter, senti a necessidade de um debate mais aprofundado na área da Educação Especial, refletindo por exemplo, sobre como o aluno com deficiência percebe a Arte em sua vida? Como eu, futura professora, posso fazer a Arte dialogar com esses alunos?

⁶ Informação coletada do Plano de Ensino da disciplina de Metodologia do Ensino da Arte no Ensino Fundamental. Disponível em: <https://ead.unesc.net/ava/index.php>. Acesso em: 02 de nov. 2016.

⁷ Informação coletada do Plano de Ensino da disciplina de Metodologia do Ensino da Arte no Ensino Fundamental. Disponível em: <https://ead.unesc.net/ava/index.php>. Acesso em: 02 de nov. 2016.

São questionamentos que movem o interesse pelo conhecimento no campo da Arte, o reconhecimento da sua importância na nossa formação e dos nossos alunos. Aprendi durante o meu curso que professor deve ser pesquisador, motivado na busca por renovação do conhecimento, uma pessoa ativa em seu meio.

Na sexta fase tive minha primeira experiência com a Linguagem dos Sinais através da disciplina de Libras, infelizmente ela possui apenas dois créditos na grade curricular do curso de Artes Visuais - Licenciatura. Nesse período debatemos a importância da linguagem dos sinais, que devemos reconhecê-la como um segundo idioma, assim como estudamos inglês ou espanhol; reconhecemos que ela necessita de uma maior divulgação, habilitando professores para uma futura atuação nesse campo. O objetivo da disciplina era “a partir da fundamentação teórica do conhecimento da língua de sinais: Proporcionar aos alunos noções básicas para o uso da LIBRAS, a fim de lhes auxiliar na comunicação entre professor e aluno surdo.” (PLANO DE ENSINO⁸,2015/02).

Minha perspectiva sobre o ensino de libras amadureceu totalmente, nesse momento compreendi as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência auditiva, como o aprendizado pode se tornar desafiador quando não existe um suporte adequado. Nossa compreensão sobre a inclusão do aluno com deficiência no ambiente escolar sofreu alterações, esse novo olhar possibilitou ver, reconhecer a existência de fragilidades, o quanto ainda precisamos aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos até o momento.

Com todas essas experiências e ciente de que a linguagem visual está muito além de um simples meio de comunicação entre as pessoas, me senti inquieta para saber como as metodologias de ensino da arte, amplamente indicadas para o ensino regular, na formação do professor de Arte, são desenvolvidas com os alunos com deficiência visual nas APAEs.

⁸ Informação coletada do Plano de Ensino da disciplina de Libras. Disponível em: <https://ead.unesc.net/ava/index.php>. Acesso em: 02 de nov. 2016.

4 AMPLIANDO CONHECIMENTOS

Segundo Gil (2007, p.17) podemos definir a pesquisa como o

(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Podemos caracterizar essa pesquisa como exploratória no qual o objetivo é destacar o problema existente, com abordagem qualitativa de natureza básica.

Deslauriers (1991, p. 58). afirma que

Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações.

O envolvimento do pesquisador com o tema escolhido permite um aprofundamento com o grupo social pesquisado, não se preocupando com dados numéricos, mas com trocas de informações para uma análise detalhada do problema. O procedimento técnico utilizado na pesquisa de campo foi uma entrevista semiestruturada gravada em áudio, organizada inicialmente com seis questões, mas que incentivavam o entrevistado uma fala livre, possibilitando desdobramentos do assunto principal para uma posterior análise.

A partir de uma pesquisa com seis questões iniciei o contato com três APAEs da região de Criciúma, convidando-os a contribuírem com meu trabalho de conclusão de curso; em acordo decidimos que os nomes dos professores participantes e das APAEs não serão divulgados; os participantes serão identificados como P1, P2 e P3.

Os três professores entrevistados são formados em Artes Visuais, sendo que P3 afirma que na sua época o curso era chamado de Educação Artística; o tempo de experiência profissional de P1 e P3 é entre 5 e 15 anos, e P2 possui apenas 4 meses de atuação com alunos com deficiência. Durante o processo de busca das APAEs da região para a pesquisa de campo, confirmei que cada professor possuía um aluno com deficiência visual e destaco que P3 possui um aluno com 40 anos.

O questionário iniciou perguntando quais metodologias eram desenvolvidas mais frequentemente com os alunos com deficiência e percebo que P1 direciona sua resposta mais para a maneira como trabalha com os alunos:

-Tem muita gente que pergunta como eu trabalho, eu trabalho igual no regular só que o modo de falar é mais específico, é mais simplificado, é mais direto. Não dá para dificultar um pouco a fala e no desenvolvimento do trabalho com o aluno também é mais direcionado para facilitar o modo com ele. (P1).

Já os participantes P2 e P3 relataram trabalhar com linguagens da arte como música, teatro e com artes visuais, demonstrando, em suas práticas de ensino, que atuam em concordância com os PCN quando orientam que:

O produto criado pelo artista propicia um tipo de comunicação no qual inúmeras formas de significações se condensam pela combinação de determinados elementos, diferentes para cada modalidade artística, como, por exemplo: linhas, cores e texturas, na forma plástica; altura, timbre, intensidade e ritmo, na forma musical; personagens, espaço, texto e cenário, na forma teatral; e movimento, desenho no espaço, ritmo e composição, na forma da dança. (BRASIL, 1997, p.37).

P3 ainda afirma que desenvolve com os alunos um Show de Talentos, onde cada um escolhe uma música ou um artista que gosta e representa no palco para todos assistirem.

Promover a arte através de apresentações e exposições em diversos gêneros artísticos, despertando o gosto pelas atividades artísticas com fins educacionais e formativos [...]. Promover a socialização de experiências artísticas de caráter pedagógico e de inclusão social, contribuindo para a conscientização de que a pessoa com deficiência avança no seu processo de auto realização mediante a expressão artística. (NOSSA ARTE⁹, 2016, Art.1º-5º)

Ao indagar se eles haviam aprendido essas metodologias durante os cursos de formação ou se foi através de outros cursos de especialização, P1 e P3 afirmam que desenvolvem seus conhecimentos na prática e em pesquisas sobre o assunto. Suas respostas vão ao encontro do que diz Pimenta (2004, p. 41): “A universidade é por excelência o espaço formativo da docência, uma vez que não é simples formar para o exercício da docência de qualidade e a pesquisa é o [único] caminho metodológico para esta formação”.

-Eu estou me desenvolvendo e buscando mais cursos além da minha formação, percebi depois que vim para cá que o meu interesse e gosto pela educação especial

⁹ Federação Nacional das APAEs. Regulamento do Festival Nossa Arte. Disponível em: <http://www.apaesantacatarina.org.br/>. Acesso em: 25 de out. 2016.

mudou totalmente o meu pensamento, estou gostando muito e vou procurar me especializar. Na faculdade nós temos matérias e algumas atividades dentro desse assunto, mas é muito pouco...é muito pouco. (P2)

Os professores compreendem a necessidade de uma formação que os qualifiquem para exercerem atividades com alunos com deficiência e vemos que:

Para atuar na educação especial, o professor deve ter como base da sua formação, inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área. Essa formação possibilita a sua atuação no atendimento educacional especializado, aprofunda o caráter interativo e interdisciplinar da atuação nas salas comuns do ensino regular, nas salas de recursos, nos centros de atendimento educacional especializado, nos núcleos de acessibilidade das instituições de educação superior, nas classes hospitalares e nos ambientes domiciliares, para a oferta dos serviços e recursos de educação especial. (PNEE, 1994, p.13).

Ao serem questionados sobre quais as dificuldades enfrentadas por eles no ensino da Arte para alunos com deficiência, P1 destaca novamente a falta de suporte para trabalhar na área da educação especial, já P2 relata sua dificuldade pessoal em compreender os diferentes perfis de alunos:

- A maior dificuldade encontrada não foi com os alunos, foi comigo mesma no início chegar e dar de cara com todas as situações, cada um com suas deficiências, cada um com suas dificuldades. E eu admitir isso, dar esse tempo, conhecer e fazer as atividades com cada uma dentro das suas dificuldades ali, fazer as atividades assim. (P2).

Nessa direção, seja para um suporte técnico ou mesmo para apoiar as dificuldades pessoais do professor:

A formação continuada [...] deve ser um compromisso dos sistemas de ensino comprometidos com a qualidade do ensino que, nessa perspectiva, devem assegurar que sejam aptos a elaborar e a implantar novas propostas e práticas de ensino para responder às características de seus alunos, incluindo aquelas evidenciadas pelos alunos com necessidades educacionais especiais. (PRIETO, 2006, p.57).

Ainda nessa questão, P3 revela que sente maior dificuldade com o comportamento de alguns alunos por serem ser agitados e sobre isso Rodrigues (2006, p. 305-306) explica que:

Para atender a diferença na sala de aula devemos flexibilizar as práticas pedagógicas. Os objetivos e estratégias de metodologias não são inócuos: todos se baseiam em concepções e modelos de aprendizagem. Assim, se não propormos abordagens diferentes ao processo de aprendizagem acabaremos criando desigualdades para muitos alunos.

Quando perguntado se através das metodologias escolhidas o aluno atingia o objetivo (resultado) esperado pelo professor, na fala dos três participantes foi possível perceber que os professores conseguem alcançar os resultados esperados:

-Algumas vezes sim, quando eu comecei a trabalhar com eles eu tinha muita dificuldade, esperava um objetivo, olhava e eles não produziam. Ficava pensando o que eu faria, me sentia frustrado com relação aos meus objetivos, hoje conforme o objetivo que eu quero é necessário fazer um trabalho individualizado, os outros eu deixo acompanhando o processo enquanto faço um trabalho com outro aluno. Também não deixa de ser um modo de aprender, enquanto o outro está assistindo participa da situação. (P1).

Assim, os professores devem ser capazes de analisar os domínios de conhecimentos atuais dos alunos, as diferentes necessidades demandadas nos seus processos de aprendizagem, bem como, com base pelo menos nessas referências, elaborar atividades, criar ou adaptar materiais, além de prever formas de avaliar os alunos para que as informações sirvam para retroalimentar seu planejamento e aprimorar o atendimento aos alunos. (PRIETO,2006, p.58).

-Às vezes você vai dar uma aula e não sai como o planejado, surpresas acontecem, mas o que eu percebi nesse tempo que estou aqui, são surpresas maravilhosas. Algumas atitudes inesperadas surgem como um aluno que precisava de auxílio para pintar e de repente, você percebe que ele já realiza a atividade com naturalidade sem ajuda. (P2).

Nesse sentido, é preciso

[...] considerar as diferenças individuais dos alunos e suas implicações pedagógicas como condição indispensável para a elaboração do planejamento e para a implantação de propostas de ensino e de avaliação da aprendizagem, condizentes e responsivas às suas características. [...] capazes de analisar os domínios de conhecimentos atuais dos alunos, as diferentes necessidades demandadas nos seus processos de aprendizagem, bem como, com base pelo menos nessas duas referências, elaborar atividades, criar materiais [...]. (PRIETO, 2006, p.58-60).

Quando perguntados se trabalhavam ou já haviam trabalhado com alunos do ensino regular, apenas P2 relatou pouca experiência que foi em estágios e substituições; já P1 trabalhou com series iniciais, anos finais e ensino médio e P3 trabalhou com oficinas de cerâmica em regime de período integral.

Pensando nessa experiência com o ensino regular, desejei saber se existia em suas opiniões diferenças entre a metodologia desenvolvida no ensino regular e no ensino nas APAEs, todos eles afirmaram que é possível trabalhar as

mesmas metodologias nas duas redes de ensino, o que difere entre elas são as respostas dos alunos:

- Como a gente não tem esse suporte para trabalhar na educação especial e a nossa graduação é muito voltada ao ensino regular, então o que eu procuro fazer é facilitar o modo de produção, de falar, simplificando um pouco para vir de alcance às necessidades deles. Mas não mudo muita coisa da metodologia eu facilito, não tem muita diferença. (P1).

Pode-se pensar, assim, na formulação do currículo para os alunos com necessidades educacionais especiais numa base comum aos demais alunos, já que o princípio da educação inclusiva é não alijar ninguém das condições gerais de progressão escolar. O currículo não sofre alteração fundamental, porém as características de aprendizagem dos alunos com necessidades especiais são, sem dúvida, levadas em conta. (BEYER, 2005, p.69).

-Toda a atividade que fazemos com o ensino regular você pode adaptar e realizar com a educação especial. (P2).

Nessa direção pode-se pensar em processos de ensino e aprendizagem que,

[...] Pautando-se na centralidade do educando, concebem a escola como um espaço aberto à iniciativa dos alunos que, interagindo entre si e com o professor, realizam a própria aprendizagem, construindo seus conhecimentos. Ao professor cabe o papel de acompanhar os alunos auxiliando-os em seu próprio processo de aprendizagem. O eixo do trabalho pedagógico desloca-se, portanto, da compreensão intelectual para a atividade prática, do aspecto lógico para o psicológico, dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos de aprendizagem, do professor para o aluno, do esforço para o interesse, da disciplina para a espontaneidade, da quantidade para a qualidade. (SAVIANI, 2006, p.2).

- Eu acho que não existe diferença, existe a forma que você vai trabalhar. Com o ensino regular tu faz e eles terminam muito rápido, já na educação especial é mais lento esse processo. Mas eu vejo, tenho a impressão, que na educação especial eles tem mais interesse, eles vibram mais com a atividade que você faz do que no ensino regular. Eles prestam mais a atenção, se esforçam para fazer, é diferente do ensino regular nesse sentido, mas a metodologia é a mesma só a forma de trabalhar que é um pouco diferente. (P3).

Talvez essa vibração a que P3 se refere esteja justificada pelo que afirma Buoro (1996, p. 33) quando diz que, ao expressar-se pela arte,

[...] o aluno manifesta seus desejos, expressa seus sentimentos expõem enfim sua personalidade. Livre de julgamentos, seu subconsciente encontra o espaço para se conhecer. Ao relacionar, crescer dentro de um contexto que o antecede e norteia sua conduta. (BUORO, 1996, p. 33).

Nesse caso, podemos pensar que os alunos com deficiência vibram mais com as atividades de artes, porque sentem-se em um momento próprio para agirem com mais naturalidade já que, em geral, seu simples modo de ser já chama a atenção e provoca olhares para si mesmo, nas diversas situações cotidianas da escola e da vida.

É enriquecedor reconhecer na fala dos professores participantes dessa pesquisa, a paixão que dedicam aos seus alunos, o desejo de permanecerem nessa área, percebendo que as metodologias do ensino regular são as mesmas, o que difere são as respostas dos alunos.

Constatando que, apesar das dificuldades enfrentadas inicialmente, os professores participantes da pesquisa buscam através de leituras e pesquisas se qualificarem melhorando o processo de ensino e aprendizagem na educação especial, faz-se necessário refletir sobre as dificuldades originadas por não terem recebido mais suporte durante a graduação e também por não possuírem cursos de especialização na área. Apenas P2 relata possuir interesse em se aperfeiçoar com um novo curso na área da educação especial.

Nesse cenário, proponho um dia de encontro com os professores do NDE do curso de Artes Visuais Licenciatura, para apresentação desta pesquisa e, a partir dela, trocar ideias para, quem sabe, construir uma nova perspectiva no curso de formação de professores de Artes da Unesc.

5 PROJETO DE CURSO

Título: Dialogando sobre a formação do professor de Arte para a educação especial

5.1 EMENTA:

Documentos Norteadores da Educação Especial (LBI). A importância da arte para a pessoa com deficiência. A pesquisa na formação do professor de Arte.

5.2 CARGA HORÁRIA:

Palestra sobre Formação de professores e atuação nas APAEs: 2 h/a

Relato de experiência de professores de Arte que atuam na Educação Especial: 2 h/a

Roda de conversa com professores do NDE, discussão e simulação de uma nova matriz curricular com ampliação de disciplinas voltadas para o ensino da arte na Educação Especial: 4 h/a

Total: 8 h/a

5.3 PÚBLICO ALVO:

Professores formados em Artes Visuais Licenciatura atuantes na APAE, juntamente com professores do NDE.

5.4 JUSTIFICATIVA

O presente projeto de curso surgiu da pesquisa de campo realizada com três professores das APAEs da região de Criciúma, cujos relatos descrevem as dificuldades enfrentadas no início da atuação com a Educação Especial. Visto essa necessidade relatada pelos professores, percebida também durante minha formação, proponho um curso com duração de um dia, com professores do NDE do curso de graduação da UNESC. Nesse encontro apresentarei a pesquisa e, a partir dela poderemos debater sobre os temas, especialmente sobre as dificuldades enfrentadas por professores de Artes visuais recém-formados, para atuarem na Educação Especial; como convidados especiais contaremos com um palestrante

doutor na área da Educação Especial e com professores que atuam na educação especial, com artes.

A proposição é construir uma nova perspectiva no curso de formação de professores de Artes da Unesc, ampliando as disciplinas do curso e voltando-se para o aperfeiçoamento dos futuros docentes. Nessa perspectiva abordaremos a necessidade de ampliação da carga horária das disciplinas para a reformulação das competências da formação dos licenciando. Perrenoud define competência como:

[...] uma capacidade de agir eficazmente em determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles'. O profissional precisa de tempo para trabalhar sua competência, precisa experimentar, ousar, planejar, rever, refazer. Todo esse processo de experimentação leva um tempo. Certamente não será em quatro semestres que o professor em formação irá adquirir todas essas competências. (1999, p.66).

Vale ressaltar a relevância da discussão sobre propostas de estágios que oportunizem a atuação de acadêmicos e acadêmicas na Educação Especial, demonstrando as várias oportunidades de atuação eliminando o receio que alguns acadêmicos possuem de atuar nesse espaço educacional.

A função desta pesquisa e da proposta é enriquecer o curso de formação de professores de Arte, fortalecendo as iniciativas já realizadas, identificando suas fragilidades e refletindo para que nos tornemos profissionais ativos na sociedade, gerando uma educação de qualidade para nossos futuros alunos.

5.5 OBJETIVO GERAL:

Oportunizar um diálogo sobre a necessidade da ampliação das disciplinas voltadas para a Educação Especial no curso de formação de Artes Visuais Licenciatura, relacionando com as dificuldades relatadas pelos professores recém-formados.

5.6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Relacionar a grade curricular do curso de Artes Visuais Licenciatura com a aula de Arte na Educação Especial;
- Compreender a necessidade que os recém-formados do curso de Artes Visuais Licenciatura sentem da ampliação de debates sobre a Educação Especial durante sua formação;

- Reconhecer a importância de desenvolver estágios na Educação Especial, incentivando o seu aperfeiçoamento durante o curso de graduação;

5.7 METODOLOGIA

O encontro terá início às 8 horas da manhã com uma palestra realizada por um doutor na área da Educação Especial, que pontuará as principais dificuldades enfrentadas na atuação com alunos deficiência, tanto nas APAEs como também nas escolas regulares, destacando a formação dos professores. As 10 horas será realizado um intervalo com retorno às 10h15 horas, quando professores já atuantes serão convidados a realizar relatos de experiência com o intuito de esclarecer os pontos de maior dificuldade enfrentado no início de suas carreiras profissionais. As 13h, após o almoço, realizaremos a roda de conversa entre os professores integrantes do NDE do curso de Artes Visuais da UNESC e os professores de arte que fizeram os relatos anteriormente. Na parte final do encontro, entre 16h e 18h oportunizaremos a discussão e simulação de uma nova matriz curricular com ampliação de disciplinas voltadas para o ensino da arte na Educação Especial.

5.8 REFERÊNCIAS:

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

6 CONCLUSÃO

Quando iniciei essa pesquisa elaborei a questão problema: 'como as metodologias de ensino da arte, amplamente indicadas para o ensino regular, na formação do professor de Arte, são desenvolvidas com os alunos com deficiência nas APAEs?'. Como resultado obtido a partir das respostas dos professores participantes, foi esclarecido que as metodologias são iguais, diferenciando apenas o modo como são desenvolvidas com os alunos, adaptando falas e gestos de acordo com cada aluno. A maneira como o professor se expressa também é de fundamental importância para a compreensão dos alunos, uma linguagem mais simples e clara faz a diferença na hora de ensinar.

Acredito ter atingido também o objetivo de conhecer um pouco sobre o processo de aprendizado em arte do aluno com deficiência e fazer uma relação com as metodologias das escolas regulares pois a partir das falas dos participantes, percebi que as diferenças existentes entre o ensino regular e a Educação Especial, estão na maneira com a qual o professor desenvolve as atividades, reconhecendo que cada aluno possui um ritmo, que deve ser respeitado. Segundo os professores o envolvimento dos alunos com deficiência com as atividades ofertadas é muito maior, sendo perceptível em suas reações o prazer de criar, a alegria que demonstram quando conseguem concluir, a superação pessoal de cada um durante o processo.

Os professores relataram trabalhar com diferentes linguagens da arte como a música, onde os alunos têm a possibilidade de realizar uma escolha pessoal e desenvolver uma interpretação teatral, inclusive participando de eventos estaduais através do Show de Talentos realizado nas APAEs; eles também desenvolvem atividades como artes visuais e dança. Todas essas experiências permitem o amadurecimento dos alunos, que avançam em suas relações pessoais, aprimorando suas ligações com o meio em que vivem e até mesmo superando dificuldades tanto motora quanto de comportamento.

É possível perceber nos depoimentos dos professores pesquisados suas dificuldades no início de suas atuações com alunos com deficiência, obstáculos vencidos no seu cotidiano para que pudessem realizar suas tarefas como professores de artes em suas escolas. Os professores sentem falta de suporte para o desenvolvimento dessa área de atuação, maiores diálogos nas universidades

talvez se façam necessários para que futuros professores percebam a riqueza do trabalho pedagógico com o aluno com deficiência.

Outra fragilidade foi apontada pela falta de mais disciplinas durante seus cursos de formação, o que nos leva a pensar que a realização de estágios obrigatórios também na Educação Especial possibilitaria a ampliação do olhar dos futuros professores, para que reconheçam como esse ensino pode se tornar enriquecedor tanto no sentido profissional quanto na perspectiva humana e pessoal.

Estes professores buscam a partir de aperfeiçoamentos, juntamente com pesquisas sobre o assunto ampliar seus conhecimentos, reconhecendo as peculiaridades de cada aluno, reconstruindo seus objetivos a cada aula. A partir do estudo de alguns documentos norteadores da Educação Especial, foi possível perceber como as APAEs reconhecem a Arte como algo fundamental para o desenvolvimento intelectual, para a formação do sujeito, um ser sensível que encontra nessa linguagem uma maneira para compreender o mundo que o cerca.

Apenas um professor demonstrou interesse em realizar um curso de especialização para ampliar seus conhecimentos, fortalecendo suas metodologias de ensino, mas a falta de conhecimento não foi empecilho para o desenvolvimento desses profissionais. Após enfrentarem seus receios, surgiram sentimentos diversos como o encanto pelo ensino, carinho, admiração por perceber a superação diária enfrentada por seus alunos e o desenvolvimento de cada um. Ao finalizar essa pesquisa reconheço que além de uma formação de qualidade, se faz necessário a paixão pelo ensino, algo que faça os olhos brilharem ao reconhecer que seu aluno está se desenvolvendo e que de alguma maneira, mesmo que pequena, você foi o responsável.

REFERÊNCIAS

ARSLAN, Luciana Mourão; IAVELBERG, Rosa. **Ensino de arte**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

ARANHA, Maria Salete Fábio. **Inclusão Social e Municipalização**. In: Eduardo José Manzini (Org.). Educação Especial: temas atuais. 1ª Edição. Marília: Unesp Marília Publicações, p. 1- 10, 2000.

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. São Paulo: Ed. Cortez, 1996. 160 p.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 02 de nov. 2016.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L4024.htm. Acesso em: 29 de out. 2016.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1971. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm. Acesso em: 02 de nov. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases**. Brasília, 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 02 de nov. 2016.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Brasília : MEC/SEF, 1997. 130p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>. Acesso em: 29 de out. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

BRASIL Ministério da Educação Secretaria da educação Especial. **Estratégias e Orientações sobre Artes. Respondendo com Arte as necessidades especiais**. Brasília, Dezembro, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. 2. ed. Brasília: DP&A, 2000.

CARVALHO, Rosita Edler. **A nova LDB e a educação especial**. 2.ed, Rio de Janeiro: WVA, 1998. 142p.

COUTINHO, Rejane G. **A Formação de Professores de Arte**. In: BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 2. ed São Paulo: Cortez, 2003. p.153-159.

DESLAURIERS J. P. **Recherche Qualitative**. Montreal: McGraw Hill, 1991. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120p.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Ed. Cortez, 1993.151p.

GARCIA, Regina Leite. *Múltiplas linguagens na vida- por que não múltiplas linguagens na escola?* In: GARCIA, Regina Leite. **Múltiplas linguagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed São Paulo: Ed. Atlas, 1991. 159p.

HERNÁNDEZ, Fernando. **A construção da subjetividade docente como base para uma proposta de formação inicial de professores de Artes Visuais**. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). *A formação do professor e o ensino das Artes Visuais*. Santa Maria. Ed: UFSM, 2005.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2006. 64p.

MATOS, Simone Rocha. **Educação, cidadania e exclusão à luz da educação especial - retrato da teoria e da vivência**. 2013. Disponível em: <http://www.abc.gov.br/?catid=4&itemid=68>. Acesso em: 05 ago. 2016.

PILOTTO, Silvia Sell Duarte e; MOGNOL, Letícia Coneglian. **A arte no contexto de Educação Infantil**. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira (Org.). *Arte, Educação e Cultura*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007, p.215-229.

PIMENTA, Selma G; LIMA, Maria Socorro. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **Formação de professores: ensino de arte e tecnologias contemporâneas**. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 289-299.

PRIETO, Rosângela Gavioli. **Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil**. In: MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli; ARANTES, Valéria Amorim. *Inclusão escolar: pontos e contrapontos*. 2. ed São Paulo: Summus,

2006. 103 p.

RODRIGUES, D. **Dez ideias (mal) feitas sobre a educação inclusiva**. In: RODRIGUES, D (Org.). *Inclusão e educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva*. São Paulo: Summus, 2006, p.299- 318.

SAVIANI, D. **As concepções pedagógicas na história da educação brasileira**. Campinas: Histedbr, 2006.

SILVA, Maria Odete Emygdio da. **Da Exclusão à Inclusão: Concepções e Práticas**. Rev. Lusófona de Educação, n.13, p. 135-153, 2009. Disponível em: <http://www.inclusive.org.br/arquivos/13421>. Acesso em: 05 ago. 2016.


SILVA, Otto Marques. **A Epopéia Ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje**. São Paulo: Cedas, 1986.

STRIEDER, Roque; ZIMMERMANN, Rose Laura Gross. **A educação ainda em processo de construção**. Florianópolis: DIOESC, 2012. 176 p.

TIBOLA, Ivanilde Maria (Org.). **Arte, cultura, educação e trabalho**. Brasília: Federação Nacional das APAEs, 2001. 64 p. Disponível em: http://www.feapaesp.org.br/material_download/122_arte_cultura_e_educacao%202000%20FENAPAEs.pdf. Acesso em: 05 nov. 2016.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – Ficha de autorização do uso da imagem, fala e escrita.

	<p style="margin: 0;">UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA</p>
---	--

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, (NOME), _____ (ESTADO CIVIL),
 _____(PROFISSÃO), _____ portador(a) da
 carteira de identidade nº, _____ expedida pelo (ÓRGÃO EXPEDIDOR),
 _____ inscrito(a) no CPF sob o nº _____, residente e
 domiciliado(a) _____ no,

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da
 minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa do acadêmica Ana Paula
 Ferreira Sena do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação da Prof.^a Me.
 Édina Regina Baumer para que o mesmo os disponibilize como dados da pesquisa
 de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima
 descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos
 à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

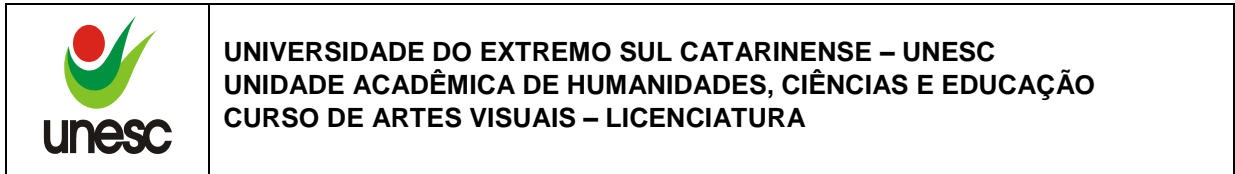
Local e data: _____

Assinatura: _____

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa

APÊNDICE B – Questionário aplicado aos professores das APAEs.



QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES DE ARTE

Você está convidado (a) a responder este questionário que faz parte da coleta de dados de meu Trabalho de Conclusão de Curso que tem como objetivo: “Como as metodologias de ensino da arte, amplamente indicadas para o ensino regular, na formação do professor de Arte, são desenvolvidas com os alunos portadores de deficiência visual nas APAEs? ” (Tema), sob a responsabilidade da acadêmica pesquisadora Ana Paula Ferreira Sena, com orientação da Prof.^a Me. Édina Regina Baumer do Curso de Artes Visuais Licenciatura.

- 1. Qual sua formação acadêmica? Tempo de experiência com alunos portadores de deficiências?**
- 2. Quais as metodologias desenvolvidas mais frequentemente com os alunos portadores de deficiências? Você possui algum aluno deficiente visual?**
- 3. Essas metodologias você aprendeu durante o seu curso de formação? Ou foi através de outros cursos de especialização?**
- 4. Quais as dificuldades enfrentadas por você no ensino da Arte para alunos portadores de deficiência?**
- 5. Através das metodologias escolhidas o aluno atinge o objetivo (resultado) esperado pelo professor?**
- 6. Você trabalha ou já trabalhou com alunos do ensino regular? Existe na sua opinião diferença entre a metodologia desenvolvida no ensino regular e no ensino nas APAES?**